

LIVRO DAS OFICINAS

POR QUE ANÁLISE SINTÁTICA?

Maria Lúcia Mexias Simon (USS)
mmexiassimon@yahoo.com.br

**Sem sintaxe não há emoção duradoura.
A imortalidade é uma função dos gramáticos.**

**(Fernando Pessoa,
Livro do desassossego, 1931)**

Teceremos considerações sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e as dificuldades encontradas em sala de aula, quando de sua aplicação. Sabemos haver expressões de difícil, senão impossível análise formal. Porém, mesmo em expressões formais, que seriam consideradas completas, deparamo-nos com situações que fazem requerer uma nova leitura da NGB. Percorremos alguns mestres de nossa língua e aqui apresentaremos suas ponderações a par de, por vezes, nossa observação.

A NGB consigna:

1. Termos essenciais sujeito e predicado

Define-se sujeito como o *agente*. (Em: “O menino apanhou do colega.” “Pedro está vendo Paulo.” Pode-se falar em agente?) Ou o sujeito seria o paciente na voz passiva. (Em: “Paulo está sendo visto por Pedro” há paciente?) (MACAMBIRA, 1987. Parênteses meus).

Para Câmara Jr. (1964), o sujeito é o ponto de partida, a informação antiga – “Pedro voou para S. Paulo.” Pedro é conhecido de ouvinte e falante, sendo a informação nova o fato de ele ter-se deslocado para São Paulo por via aérea. É, também, o elemento sobre o qual se faz uma declaração. “A vida é passageira.” Pode ser substituído por pronome do caso reto ou pronome demonstrativo. (Em expressões como “Há leões na África” a informação antiga é “na África”, que seria, portanto o sujeito lógico; pode-se contornar com “A África tem leões” donde resulta o cruzamento “Na África tem leões.”)

O recurso de se fazer uma pergunta ao verbo é artificial; se trocamos um termo por um interrogativo, já sabemos que esse termo é o sujeito. “O guarda rebocou o automóvel”. Se perguntarmos “quem rebocou o automóvel”, já sabemos que *o guarda* é o sujeito.

LIVRO DAS OFICINAS

Expressões como: “Choveu.” “Faz frio”. “Na África há leões.” não são orações, pois não se pode fazer declaração sobre nada; portanto não há oração sem sujeito. Além disso, se sujeito é termo essencial, não poderia ser inexistente.

Em Garcia (2010), encontramos a mesma posição, porém, para esse professor, em “Choveu.”, “Faz frio.” o sujeito existe encapsulado.

Nas chamadas orações sem sujeito, o falante prioriza o predicado: pela NGB, ocorrem com:

– verbos que indicam fenômenos da natureza: “Choveu”; já ocorriam em Latim.

– verbo na 3ª. pessoa, acompanhado do pronome *se*; “Precisa-se de...; Vive-se bem...; Trabalha-se muito...; nesse caso, a impessoalidade, representada pelo pronome é uma forma vazia, por não haver flexão verbal de pessoalidade; também já ocorriam no Latim “*Vivitur vitam.*” (Ênio).

– verbo haver com sentido de existir. (forma não aceita tranquilamente, daí ocorrerem situações como: “Só havíamos nós na sala”.

Não estão consignadas na NGB as formas com:

– o verbo dar, com sentido de brotar, nascer: “Plantando, tudo dá.”

– o verbo dar, com sentido de possibilidade; “Não dá pra ser feliz.”

(Considerem-se os verbos pronominais: dignar-se, queixar-se etc. - em “Abriu-se a porta.” Há voz passiva, reflexiva, ou sujeito indeterminado? Note-se a diferença entre “O sacerdote se sacrifica” e “O sacerdote se sacrifica cem cordeiros.”)

Sujeito é substantivo ou expressão substantivada. – “O *amanhã* a Deus pertence.” “Minha casa é velha, *a* de Pedro é nova.” Ou oração substantiva, com conjunção *que* ou *se*; quando reduzida, será somente de infinitivo: “Convém que saias.” “Convém sair.” “Não ficou provado se ele é culpado.” “Não ficou provado ser ele o culpado”.

Quando o sujeito é o pronome *quem*, cobra-se a divisão em *aquele que*: “Quem corre, cansa.” – quem é que cansa? Não se cobra tal divisão, com o pronome *quantos* e outros do grupo *qu-*, na voz passiva pronominal: “Quantos quiseram ficaram.” “Não se sabe quanto custa o livro.” Também não se cobra tal divisão quando a oração substantiva inicia-se

LIVRO DAS OFICINAS

com o pronome *quem*: “Não sei quem chegou”, “Não sei a quem entregar o livro.” “Tenho admiração por quem trabalha”.

(O português do Brasil repele o sujeito indeterminado, usando vários recursos para preenchê-lo: *você* – muitíssimo usado – *os cara, maluco, neguinho* etc.).

Expressões como “Socorro!” “Fogo!” “Avante!” “Paremos!” “Sim!” pertenceriam à fase pré-histórica da linguagem, estando o sujeito e o núcleo do predicado no contexto lingüístico ou extralingüístico; portanto, podem-se dizer orações, mantendo-se a binaridade sujeito-predicado.

Sujeito será, portanto:

- pela lógica: o ser, sendo o predicado os eu atributo;
- pela metafísica: a causa, sendo o predicado o seu efeito.

2. Predicativo do sujeito

Sempre acompanha o verbo de ligação. Sendo o adjetivo muito próximo ao advérbio, em expressões como: “Minha casa é longe (longínqua).” “Ele estava doente, mas já está bem (bom).” há predicativo do sujeito, assim como em “Minha casa é aqui.” “Ele está na sala.” O mesmo se aplica ao predicativo do objeto.

3. Objeto indireto

Exemplos – “Penso em você”. “Casei com uma santa.” “Gosto de doce.” “Confio na tua palavra.” “Interesso-me pelo teu caso.” “Descreio da vitória final.” (a rigor, só existe objeto indireto quando se admite a substituição por pronome *lhe*; em outros casos há complemento verbal preposicionado; Rocha Lima (1968) cobra tal nomenclatura para verbos como *gostar*, que definitivamente não aceitariam oração objetiva indireta.

Quando a preposição é *cheia* introduz objeto indireto, o que não acontece com preposição *vazia*. A preposição se diz cheia quando em peso semântico, aceitando sinônimo e/ou antônimo. Comparem- s: “Ela saiu *sem* agasalho.” “Ela saiu *sem* o marido.” “Ela saiu *em* se despedir.” – nos dois primeiros casos, a preposição é cheia, pois admite o antônimo

LIVRO DAS OFICINAS

com, portanto há objeto indireto; o mesmo acontece em “Torci *por* você” – aceita o antônimo *contra*.

LIVRO DAS OFICINAS

4. Agente da passiva

Para Aileda Oliveira, (informação oral) o agente da passiva adjunto adverbial, já que em latim são do caso ablativo – comparem-se “A criança foi morta pela fome.” “A criança foi morta pela vizinha” – para alguns autores a criança não é morta pela vizinha e sim pela pedrada, facada, envenenamento, de que a vizinha foi o instrumento. Galembeck defende tal posição. (*Apud* CÂMARA JR., 164)

Falta, na NGB, a classificação para orações substantivas, tais como: “O cargo foi ocupado por quem o merece.” “Fui traído por quantos ajudei.”

5. Complemento nominal.

Comparem-se:

- a. Festejamos o nascimento de Cristo.
- b. Desejamos a paz de Cristo.
- c. Percebemos a tristeza do menino.
- d. O juiz despachou favoravelmente ao réu.
- e. Devemos obediência aos pais.
- f. Não queremos a tristeza da solidão.

(Ocorre complemento nominal apenas em *e* e *f*; nos outros casos teremos adjunto adnominal, exceto em *d*, caso em aberto)

Em VILELA (1992):

- a. O sorvete derreteu.
- b. A roupa secou.
- c. O bolo queimou.
- d. O vaso quebrou.

Os verbos são transitivos diretos. O sujeito, por óbvio, ou indeterminado caso de *d*), é omitido e o objeto desloca-se para a posição o sujeito.

Para Azeredo (1993), as orações subordinadas classificam-se em:

LIVRO DAS OFICINAS

- de tempo – quando etc.
- de proporção - à proporção que etc.
- de local (não sei onde ele mora, ou, não conheço o lugar onde ele mora
- de causa (incluindo condição – não saí porque choveu, ou, sairia se não tivesse chovido)
- de modo (incluindo comparação – faça como ensinei, ou, faça como eu faço)
- de contraste – enquanto que, ao passo que etc.
- de concessão – por mais que, ainda assim etc.
- de resultado – logo, sem que, de modo que, a fim de que, tão...que etc.

Acrescentamos algumas classificações fornecidas por alunos, em situação real, para discussão. Os exemplos são encontrados em Souza, (1994).

1. Comprei laranjas *maduras*.
 - i. Predicativo do objeto
 - ii. Adjunto adnominal
2. Tenho necessidade *de você*.
 - i. Objeto indireto
 - ii. Complemento nominal
3. Estou necessitando *de você*.
 - i. Objeto indireto
 - ii. Complemento nominal
4. Roubaram-*me* o dinheiro.
 - i. Objeto indireto
 - ii. Adjunto adnominal
5. O quadro foi pintado *por quem entende de arte*.
 - i. Oração adjetiva restritiva
 - ii. Oração substantiva completiva nominal

LIVRO DAS OFICINAS

6. Se outro cabeludo aparecer na tua rua / e isso te trazer saudades *minhas...*

- i. Adjunto adnominal
- ii. Complemento nominal

7. A casa é *aqui*.

- i. Predicativo do sujeito
- ii. Adjunto adverbial

8. Por toda parte havia *feridos*.

- i. Objeto direto
- ii. Sujeito
- iii. Adjunto adnominal

9. A ida *a Paris* deixou-me muitas recordações.

- i. Adjunto adverbial de lugar
- ii. Complemento nominal

10. Ele bebeu *muito* vinho.

- i. Adjunto adnominal
- ii. Adjunto adverbial

11. A velinha ouviu o barulho *da janela*.

- i. Adjunto adnominal
- ii. Adjunto adverbial

12. *O defunto*, não o comeu a terra.

- i. Sujeito
- ii. Objeto direto

LIVRO DAS OFICINAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

CÂMARA JR., J. Matoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964.

GARCIA, Afranio da Silva. Sobre a inexistência de orações sem sujeito no português. *Almanaque CiFEFiL 2010*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2010.

MACAMBIRA, José Reboças. *A estrutura morfossintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1987.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1968.

SOUZA, Luiz Marques de. *Morfologia e sintaxe*. Rio de Janeiro, 1994.

VILELA, Mario. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina, 1992.